



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 26/11/2021 a 02/12/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
26/11/2021	12,52	356,20	59,02	8,25	5,86
29/11/2021	12,41	347,70	58,26	8,07	5,81
30/11/2021	12,17	348,80	55,11	7,73	5,67
01/12/2021	12,28	356,50	55,05	7,78	5,72
02/12/2021	12,44	358,00	56,23	8,06	5,77
Média	12,36	354,60	56,73	7,98	5,77

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho = 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	156,00	
RS – Não Me Toque	156,00	
RS – Londrina	154,00	
PR – Cascavel	155,00	
MT – C.N.Parecis	143,00	
MS – Maracaju	152,00	
GO - Rio Verde	150,00	
BA – L.E.Magalhães	154,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	87,00	CIF
Porto de Paranaguá	87,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	82,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	81,00	
PR – Londrina	79,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	92,00	

Período: 01/12/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/12/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,28	159,84	81,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/12/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	63,72
Feijão (saco 60 Kg)	250,56
Sorgo (saco 60 Kg)	63,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,61
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,04**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,30

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Novembro/21 - média cf.

Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, recuaram nesta semana que deu início ao último mês do ano. O fechamento da quinta-feira (02), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 12,44/bushel, após ter atingido a US\$ 12,17 no dia 30/11. Uma semana antes tal fechamento havia sido de US\$ 12,66. O mês de novembro terminou com a média em US\$ 12,37/bushel, representando 0,6% de aumento sobre a média de outubro. Um ano antes, em novembro de 2020, a média havia sido de US\$ 11,42/bushel.

O recuo em Chicago se deu pela forte queda nos preços do petróleo no mercado internacional, puxada pelo temor quanto a nova variante da Covid-19, a chamada Ômicron, surgida, em princípio, no sul da África.

Nos EUA, a colheita da safra de soja está encerrada e o mercado, agora, aguarda o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o próximo dia 09/12. A produção final, em princípio, deve ter ficado ao redor de 120 milhões de toneladas naquele país.

Por outro lado, revisões nas estimativas de produção sul-americana dão conta, agora, de uma safra final de soja 2021/22 em 209,2 milhões de toneladas, contra projeção inicial perto de 212 milhões. Mesmo assim, em se confirmando este volume, o mesmo será 6% superior ao da última colheita na região, se constituindo em novo recorde histórico. A área total semeada deverá alcançar 62,7 milhões de hectares, 2% acima da safra anterior, igualmente se constituindo em novo recorde histórico. A revisão para baixo se deu em função de nova redução de área na Argentina. Para o Brasil, a produção está estimada em 142,6 milhões de toneladas, ou seja, 4% acima do recorde passado. A área brasileira deverá ficar em 40,5 milhões de hectares, registrando aumento pelo 15º ano consecutivo. Na Argentina, a produção nacional ficaria em 50 milhões de toneladas (fontes argentinas adiantam apenas 44 milhões), fato que seria 10% superior à frustrada safra passada naquele país. A área total argentina com soja cai para 16,5 milhões de hectares, contra 17,1 milhões um ano antes. No Paraguai, a produção final poderá chegar a 10,5 milhões de toneladas, sobre uma área de 3,6 milhões de hectares. Já na Bolívia, a produção tende a atingir a 3,2 milhões de toneladas, sobre uma área semeada de 1,45 milhão de hectares. Enfim, no Uruguai, para uma área plantada de 1,18 milhão de hectares, espera-se uma produção final de 2,8 milhões de toneladas, ou seja, 39% acima da frustrada safra do último ano. (cf. Datagro)

Ainda na Argentina, os produtores locais, até o dia 17 de novembro, haviam vendido 34,8 milhões de toneladas de soja da última safra 2020/21, ou seja, 80,7% do que foi produzido no ano. Um ano antes, as vendas, nesta data, alcançavam 35,5 milhões de toneladas. A Argentina produziu apenas 43,1 milhões de toneladas na frustrada safra deste último ano. Sobre a nova safra 2021/22, cuja semeadura está em andamento, os produtores locais já venderam, antecipadamente, 3,2 milhões de toneladas, ou seja, apenas 7,3% da safra total, esperada em 44 milhões de toneladas.

Por sua vez, no Brasil, diante do recuo das cotações em Chicago, mesmo com um câmbio voltando a níveis superiores a R\$ 5,60 por dólar, os preços médios da soja recuaram na maioria das praças. O balcão gaúcho fechou a semana em alta, batendo

em R\$ 159,84/saco, enquanto nas demais praças os preços recuaram, oscilando entre R\$ 143,00 e R\$ 155,00/saco.

O plantio da safra atual de soja no Brasil atingia a 90,6% da área esperada até o dia 26/11, estando acima da média histórica que é de 85,7% para esta data. Salvo o Rio Grande do Sul, nos demais principais Estados produtores o plantio está encerrado. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, a Anec projeta uma exportação de soja, em novembro, em torno de 2,3 milhões de toneladas, ficando abaixo da previsão feita na semana anterior. Mesmo assim, o volume final do mês deverá superar em 1,5 milhão de toneladas o total embarcado no mesmo mês do ano passado. No acumulado dos 11 primeiros meses do ano as exportações de soja teriam chegado a 84,24 milhões de toneladas, já se estabelecendo em novo recorde, pois o total exportado em 2020 ficou em 82,3 milhões.

Enquanto isso, o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) decidiu, nesta semana, manter o teor de 10% de biodiesel no diesel para todo o ano de 2022, gerando forte reação de integrantes do setor, que afirmaram que a medida destrói o programa e dá sinais contrários aos compromissos da COP26. O problema é que a soja está muito cara e usá-la para queimar em motores contraria os interesses dos consumidores de óleo comestível. Além de evitar um aumento nos preços do diesel caso a mistura aumentasse. Lembramos que o biodiesel foi introduzido de maneira compulsória na matriz de combustíveis brasileira em 2008. Desde então, a mistura no óleo diesel rodoviário cresceu gradualmente de 2% (B2) até 13% (B13), neste ano. Mas ao longo do ano a mistura foi reduzida, com o governo citando o alto custo com a matéria-prima --o óleo de soja responde por mais de 70% da fabricação do biocombustível. O último leilão, para atender o mercado no último bimestre do ano, já foi realizado para mistura obrigatória de 10%. Ainda assim, o preço subiu. A resolução do CNPE frustra integrantes do setor da indústria de soja, que defendiam um aumento gradativo da mistura até 15% em 2023. Em nota assinada por Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Associação dos Produtores de Biocombustíveis do Brasil (Aprobio) e União Brasileira do Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio), diz-se que a medida também manteve o país distante do definido pela Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio). Por sua vez, integrantes da indústria do petróleo e distribuidores têm afirmado que a elevação do teor de mistura, verificada nos últimos anos, demanda maior rigor nos parâmetros exigidos, em função das características peculiares do produto. Uma consulta pública foi aberta pela reguladora ANP para discutir a qualidade. (cf. Reuters)

Por fim, tem-se que os preços dos fertilizantes continuarão altos. Até quando e quanto mais ainda poderão subir são as dúvidas que ainda rondam os analistas e consultores de mercado, o setor produtivo e os representantes das indústrias destes produtos no mundo todo. O Brasil é o quarto maior consumidor mundial de fertilizantes - em sua maior parte importados – sendo que os reflexos das recentes altas deverão ainda aparecer de forma mais nítida para os agricultores brasileiros, exigindo uma tomada de decisão estratégica para garantir uma boa safra em 2022/23. Durante o 8º Congresso Nacional de Fertilizantes, realizado nesta semana pela ANDA (Associação Nacional para Difusão de Adubos), esse foi o destaque entre os principais painelistas. Entre todos os líderes reunidos a máxima era de que os fundamentos para os preços dos fertilizantes permanecem consistentes e deverão manter forte a escalada das cotações.

Nos últimos 12 meses, todos os grupos de produtos marcaram altas históricas e muitos alcançaram os valores mais altos de todos os tempos frente a um consumo recorde. Além dos valores altos refletirem uma procura maior, responderam ainda a uma oferta bem menor de quase todos os produtos. E as altas são sentidas com ainda mais agressividade pelo produtor brasileiro dada sua maior dependência das importações. Afinal, o atual momento não se desenha tão somente por questões de oferta e demanda, mas passa ainda por problemas macroeconômicos e geopolíticos, como as questões ainda não resolvidas na Bielorrússia, terceiro maior fornecedor de cloreto de potássio para o Brasil, que pode passar por uma nova rodada de altas com as sanções que podem ser impostas pelos EUA ao país. Também por conta do presente momento político, os líderes reunidos no congresso foram questionados sobre a capacidade de aumento da oferta de fertilizantes e todos convergiram em suas perspectivas de um aumento, ao menos no médio prazo, de produto disponível no mercado. A capacidade de incremento de oferta é limitada também, em parte, pela crise energética. E há ainda uma série de fatores além das cadeias de valor e de produção do setor que se colidem e também impedem que o aumento de oferta de matérias-primas aconteça rapidamente, e logo chegue ao mercado. Nos EUA, por exemplo, o impacto será primeiro. Para a safra 2022/23 as margens de lucro dos agricultores estadunidenses ficará bastante apertada ou se aproximará de zero. No caso do Brasil, haverá ainda rentabilidade, porém, bem menor do que nas últimas duas safras caso os atuais preços dos produtos se mantenham, fato que é uma incógnita. (cf. Notícias Agrícolas)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, por sua vez, recuaram, porém, em ritmo bem menor do que o da soja e trigo. O primeiro mês cotado fechou a semana em US\$ 5,77/bushel, contra US\$ 5,79 uma semana antes. A média de novembro fechou em US\$ 5,70, ficando 6,3% acima da média de outubro. Por outro lado, a média de novembro de 2020 havia sido de apenas US\$ 4,15/bushel.

A colheita de milho nos EUA também está encerrada e o mercado espera o relatório do USDA para conferir o volume final da mesma. Este relatório sairá dia 09/12.

Na Argentina, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, 30% da área de milho, de um total esperado de 7,1 milhões de hectares, havia sido semeado até o final de novembro. Muitas regiões do vizinho país sofrem com a falta de chuvas, o que está atrasando o plantio do cereal. Mesmo assim, do que foi plantado 81% das lavouras estão entre boas a excelentes, 18% estão em nível médio e 1% ruins. Em uma semana, o nível de boas a excelentes caiu 10 pontos percentuais.

Já no Brasil os preços do milho se mantiveram relativamente estáveis, com variações dependendo da região. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 81,28/saco, contra R\$ 81,59 uma semana antes. Nas demais praças nacionais o milho oscilou entre R\$ 66,00 e R\$ 84,00/saco, com o CIF Campinas (SP) permanecendo em R\$ 83,00.

Por outro lado, na B3 os contratos de milho iniciaram a quinta-feira (02/12) com os seguintes valores: janeiro/22 à R\$ 90,96/saco; março/22 à R\$ 91,09; maio/22 à R\$ 87,10; e julho/22 à R\$ 82,90/saco.

Em algumas praças, após quedas constantes, os preços do cereal voltaram a subir, porém, de forma bastante lenta. O menor volume de chuvas em novembro, com tendência a assim continuar em dezembro, vem causando preocupações aos produtores e ao mercado em geral. Isso faz com que aqueles que possuem milho em estoque o conservem, na expectativa de novas altas de preços logo adiante. Com isso, o ritmo de comercialização se mantém lento. No Rio Grande do Sul, mais uma vez, o problema de falta de umidade é sério, com muitas regiões já perdendo entre 40% e 50% da safra de milho (caso do Noroeste), enquanto as perdas médias estaduais giram ao redor de 30%.(cf. Emater)

Dito isso, a área de milho da safra de verão, no país, deverá mesmo subir 4% sobre o ano anterior, se estabelecendo em 4,6 milhões de hectares. No Centro-Sul serão 3,13 milhões de hectares, com 5% acima do ano anterior, enquanto no Norte/Nordeste a mesma atingiria 1,47 milhão de hectares, com aumento de 4%.

Considerando-se uma normalidade climática, o que já não é o caso no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina, esperava-se que a safra de verão pudesse chegar a 28,9 milhões de toneladas. Hoje, o número total gira entre 25 e 26 milhões de toneladas. Quanto ao milho safrinha, a área deverá chegar a 6% acima da registrada no ano anterior, sendo 16,6 milhões de hectares no Centro-Sul e 2,4 milhões no Norte/Nordeste. Em clima normal espera-se uma produção ao redor de 92 milhões de toneladas, ou seja, 50% acima do produzido na frustrada safra passada. Do total produzido, a região Centro-Sul responderia por 85,08 milhões de toneladas e o Norte/Nordeste por 6,95 milhões. Assim, no total das duas safras, para 2021/22, o Brasil teria uma área semeada de 21,2 milhões de hectares, 6% acima do registrado no ano anterior, e uma produção de 120,9 milhões de toneladas, ou seja, 40% sobre o ano anterior, cujo total teria ficado em 86,3 milhões de toneladas. (cf. Datagro)

Este quadro, somado aos estoques mais importantes do que o previsto, para o final do corrente ano comercial, tende a puxar para baixo os preços do milho em 2022.

Enquanto isso, a Anec reduziu sua estimativa de exportação de milho brasileiro para novembro, ficando agora com 2,9 milhões de toneladas. Este volume é 2 milhões de toneladas menor do que o realizado em novembro de 2020. No acumulado dos 11 primeiros meses do ano as exportações brasileiras de milho, segundo a Anec, atingiram a 17,4 milhões de toneladas, contra 33,4 milhões em todo o ano de 2020.

Já a Secex indica um volume exportado em 2,4 milhões de toneladas, com o mesmo ficando 50,7% abaixo do volume exportado em novembro/2020, faltando dois dias úteis para fechar os cálculos do mês de novembro. Assim, a média diária atual é 46,6% menor do que a registrada em novembro do ano passado. Já o preço da tonelada se elevou em 20,6%, passando de US\$ 178,40 no ano passado para US\$ 215,10 neste mês de novembro. Assim, de janeiro a novembro de 2021 (faltando os últimos dois dias úteis de novembro para serem contabilizados) a Secex informa exportações brasileiras de milho em 17,02 milhões de toneladas.

Por outro lado, em novembro o Brasil importou 621.376 toneladas de milho, também segundo a Secex, volume 197% acima do registrado em todo novembro de 2020. A média diária, agora, é 212,4% superior à média de novembro do ano passado. Ao mesmo tempo, o preço da tonelada importada saltou 70,8% na comparação entre os

dois meses, passando de US\$ 142,80 para US\$ 244,00. Assim, faltando igualmente dois dias úteis de novembro, o total importado pelo Brasil, em milho, neste ano de 2021, atinge próximo de 2,8 milhões de toneladas, ou seja, mais de 130% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Em termos estaduais, no Rio Grande do Sul, às voltas com mais uma estiagem sobre o milho, o plantio do cereal atingia a 86% da área até o dia 25/11, contra a média histórica de 88% para esta data, segundo a Emater.

Por sua vez, no Mato Grosso, segundo o Imea, os preços locais vêm apresentando preços negativos em relação a Chicago. No final de novembro as cotações do milho no Mato Grosso estavam R\$ 10,58/saco menor do que os preços na Bolsa de Chicago, ou seja, uma diferença R\$ 16,11/saco menor do que o registrado no mesmo período do ano passado.

Enfim, no Paraná, segundo o Deral, o plantio da safra de milho verão estando concluído, no final de novembro tinha-se que 26% das lavouras estavam em frutificação, não havendo ainda problemas climáticos já que 95% das lavouras apresentavam bom estado. Com isso, a produção de milho de verão naquele Estado continua projetada em 4,1 milhões de toneladas, com produtividade média de 166 sacos/hectare.

MERCADO DO TRIGO

Após altas recordes nas semanas anteriores, as cotações do trigo despencaram na corrente semana. O bushel do cereal chegou a bater em US\$ 7,73 no dia 30/11, porém, se recuperou posteriormente e fechou a quinta-feira (02) em US\$ 8,06. A média de novembro ficou em US\$ 8,06 igualmente, com expressivo aumento de 8,2% sobre outubro. Um ano antes, em novembro de 2020, a média mensal havia sido de US\$ 5,98/bushel.

Dito isso, as exportações de trigo, por parte dos EUA, somaram 567.500 toneladas na semana encerrada em 18/11, ficando 70% acima da média das quatro semanas anteriores. O volume ficou acima das expectativas do mercado, sendo o Japão o principal comprador da semana com 154.200 toneladas. Em todo o ano comercial atual os EUA já exportaram 14,24 milhões de toneladas de trigo, contra 18,04 milhões no mesmo período do ano anterior. O USDA projeta exportações totais de trigo pelos EUA, em 2021/22, de 23,4 milhões de toneladas.

O recuo nas cotações do trigo em Chicago, na corrente semana, se deu em razão da Austrália ter aumentado sua estimativa de produção para níveis recordes neste ano 2021/22. Igualmente em canola e cevada a produção australiana será importante, ajudando a enfraquecer as cotações do trigo. (cf. IstoÉ Dinheiro)

Por sua vez, a agência estatal de grãos do Egito (GASC) anunciou a compra de 600.000 toneladas de trigo, sendo a maioria de países do leste europeu, especialmente Romênia, Rússia e Ucrânia. A agência pagou entre US\$ 350,85 e US\$ 353,50 a tonelada pelo trigo romeno, entre US\$ 351,37 e US\$ 352,25 a tonelada do trigo russo e US\$ 352,00 a tonelada do trigo ucraniano. Lembrando que o Egito é o maior importador

mundial de trigo, ajudando a balizar os preços internacionais do cereal. (cf. Dow Jones Newswires).

Já no Brasil, o preço do trigo segue estável, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 81,63/saco. No Paraná, o saco do produto ficou entre R\$ 88,00 e R\$ 92,00.

A colheita nacional está praticamente encerrada, com uma safra recorde, porém, aquém do esperado inicialmente. Os números ainda estão sendo finalizados, mas no Rio Grande do Sul, onde a colheita atingia a 97% da área até o dia 25/11, havia regiões apresentando problemas de produtividade e qualidade do grão, assim como houve no Paraná. No geral, em termos de país, a produção deve ficar entre 6,8 e 7,0 milhões de toneladas, contra projeções que chegavam a 7,7 a 8 milhões de toneladas. Os problemas climáticos durante a safra foram diversos, impedindo melhores resultados, além de prejudicarem a qualidade do grão em muitas regiões.

Mesmo com maior oferta de produto no mercado interno, os preços permanecem firmes, já que o câmbio continua deixando as importações bastante caras, especialmente nas últimas semanas em que os preços internacionais se elevaram muito, puxados por Chicago. Assim, o balizador do preço do cereal, a partir de agora, passa a ser particularmente a paridade de importação. Vale salientar que os derivados de trigo, no mercado brasileiro, estão em queda, pois a demanda diminuiu devido a crise econômica interna. O fato de ter havido triguilho novamente ajudou a pressionar para baixo os preços do milho, pois o mesmo sofreu concorrência na fabricação das rações.

Enfim, o Rio Grande do Sul deverá, novamente, exportar bastante trigo se quiser manter os atuais preços, enquanto o aumento dos custos de produção, sem um novo aumento nos preços do cereal para 2022 (o que nos parece muito difícil) deverá levar a uma importante redução de área semeada com o cereal na próxima safra. Especialmente se a pressão interna de oferta começar a trazer os preços locais para níveis mais baixos na virada do ano.